

## Considerações Clínicas sobre o conceito Heideggeriano de Afinação (*Stimmung*)

Luis Eduardo Jardim

Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional de Filosofia Clínica - Universidade São Camilo & Associação Paulista de Medicina - São Paulo, 27 a 30 de abril de 2007

Nosso intuito nessa comunicação é fazer uma breve apresentação do conceito heideggeriano de afinação (*Stimmung*) como foi formulado na primeira fase do pensamento de Martin Heidegger, bem como vislumbrar o pensamento de uma possível importância para contexto de uma prática clínica.

Ao longo de toda sua obra, Heidegger possuía apenas uma única pergunta filosófica, a *pergunta pelo ser*. Entretanto, podemos diferenciar dois momentos bem distintos, e não contraditórios, de formulação da pergunta pelo ser, chamados de *Primeiro* e *Segundo* Heidegger. Podemos dizer que, nessas duas fases de sua obra, o filósofo parte de lugares diferentes para pensar o ser.

O conceito de afinação está presente ao longo de sua obra, porém possui características diferentes nas duas fases de seu pensamento. Nos ateremos aqui à compreensão de afinação que Heidegger desenvolve em sua ontologia fundamental, isto é, no Primeiro Heidegger.

A obra mais importante do Primeiro Heidegger é *Ser e tempo*, publicada em 1927. O projeto inicial desta obra permaneceu inconcluído, sendo publicado apenas parte deste. Em *Ser e tempo*, o filósofo elabora a ontologia fundamental do *Dasein*. *Dasein*, ou ser-aí, é o termo para designar o modo de ser do homem. Em outras palavras, *Dasein* é o ente merecedor de destaque, pois é o único ente que se relaciona com seu próprio ser.

Trata-se, então, de uma ontologia fundamental, pois compreendendo o *Dasein*, seria possível compreender a ontologia do ser dos entes em geral para, assim, desenvolver as ontologias regionais.

Aqui, nos fundamentaremos, principalmente, em *Ser e tempo* (ST) e no volume 29/30 das obras completas *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica – Mundo – Finitude – Solidão* (GA 29/30).

Em sua obra, Heidegger não se dedicou à prática clínica (exceto *Seminários de Zollikon* 1959/69 – Segundo Heidegger). Em *Ser e tempo*, o conceito de afinação

aparece como uma dimensão ôntica constituinte da estrutura existencial do *ser-em* do *Dasein*. Mais tarde, no curso *Conceitos fundamentais da metafísica*, o autor se encontra diante da tarefa *despertar* uma afinação fundamental do nosso filosofar, e para isso, elabora toda uma análise cuidadosa do tédio profundo.

Para Heidegger, *Dasein* quer dizer ser-no-mundo, em outras palavras, o *Dasein* já está sempre inserido em um mundo de significações compartilhadas, lançado nas ocupações (*Besorgen*) com os entes simplesmente dados e na preocupação (*Fürsorge*) com os outros. A estrutura do ser-em designa o modo essencial do *Dasein* estar-no-mundo a partir de sua abertura. “O *Dasein* é sua abertura” (ST, p.186), isto é, está sempre referido à abertura essencial pela qual está junto aos entes e aos outros.

A estrutura da abertura é constituída co-originariamente pelos existenciais Disposição (*Befindlichkeit*), Compreensão (*Verstehen*) e Fala (*Rede*) (ST, §28). Sendo Disposição e Compreensão articulados pela Fala. É a abertura que possibilita ao *Dasein* a lida com os entes intramundanos e o relacionar-se com os outros. A abertura é o espaço de compreensão do mundo e, portanto, de si mesmo e dos outros.

O que foi indicado existencialmente com o termo Disposição, é, *onticamente*, o mais conhecido e o mais cotidiano, a saber, a afinação, o estar-afinado. O *Dasein* do homem está sempre inserido em uma ou outra afinação. Uma afinação é um *jeito*, como uma melodia que fornece para o homem o tom, ou seja, que afina e determina o *modo* e o *como* de seu ser. As possibilidades sempre são abertas ao *Dasein* a partir do modo como está afinado.

A afinação é o *como* de nosso *Dasein* compartilhado (GA 29/30, p.80), isto é, ela sempre diz respeito, ao mesmo tempo, ao ser-com-os-outros. O caráter de ser-com-os-outros está sempre transpassado por uma afinação que não é uma manifestação paralela ao *Dasein*, mas justamente o que determina, desde o início, a possibilidade de ser-com. O estar afinado se dá como se um tom sempre estivesse aí, como uma atmosfera, na qual sempre e a cada vez estamos imersos e desde a qual, seríamos transpassados por sua tonalidade.

O *Dasein* “já está sempre afinado desde o seu fundamento. O que acontece sempre é apenas uma mudança das afinações” (GA 29/30, p.82). A afinação, como uma propriedade ôntica, também advém entre outras propriedades ônticas. Dizemos cotidianamente que um “campo é alegre”, um “quarto sereno” ou uma “paisagem é

melancólica”. “Mas a paisagem não é ela mesma melancólica, ela apenas nos afina deste modo” (GA 29/30, p.103).

A cada vez, somos *tomados por* (*ergreifen*) uma afinação. Todo e qualquer *ser tomado por* advém e permanece em uma afinação, na medida em que se enraíza nesta. Heidegger afirma que “este ‘ser tomado por’, seu despertar e seu cultivo vigem como o esforço fundamental de filosofar. [...] *A filosofia acontece sempre e a cada vez em uma afinação*” (GA 29/30, p.8/9).

Para o autor alemão, “a compreensão filosófica funda-se em um ser tomado por e este em uma afinação” (GA 29/30, p.9). Todo questionar funda-se em um *ser tomado por*. Este determina o questionamento e é somente a partir dele que podemos efetivamente chegar a uma compreensão daquilo que perguntamos. Em outras palavras, todo compreender está sempre tingido por uma afinação.

A abertura da compreensão, enquanto abertura de significância, diz respeito a todo ser-no-mundo. Significância é a perspectiva em função da qual o mundo se abre como tal (ST, §31).

Toda compreensão é sempre afinada. As “afinações são o *como* de acordo com o qual as coisas são para alguém de um modo ou de outro” (GA 29/30, 81).

A abertura possibilita, a partir da compreensão sempre afinada, “escutar, por assim dizer, o ser dos entes que antes já se abriram” (ST, p.194). Isto é, o *Dasein* já sempre se abriu numa sintonia com a afinação e, essa abertura afinada, possibilita que os entes venham ao encontro do *Dasein* dentro do mundo. E assim o *Dasein* pode ser atingido pela fala do ente.

Para Heidegger, “na compreensão subsiste, existencialmente, o modo de ser do *Dasein* enquanto poder-ser” (ST, 198). Na medida em que a afinação determina a compreensão e esta fundamenta a abertura do mundo, o *Dasein pode*, de início e na maior parte das vezes, compreender a si mesmo e às suas possibilidades a partir de seu mundo (ST, p.202).

As afinações, a partir das quais o *ser tomado por* e a compreensão se dão, constante e essencialmente transpassam e afinam os homens, sem que eles precisem reconhecê-las necessariamente como tais. Elas estão aí, mesmo que não nos assenhoremos delas. E, no entanto, nossa abertura para o mundo parte sempre delas. Isso quer dizer que, a cada vez, somos alcançados pela fala do ente e a compreendemos, sempre e somente a partir da afinação em que nos encontramos. Mesmo que não

percebamos como estamos afinados, compreendemos o mundo conforme a afinação o abre para nós pela compreensão.

De início e na maior parte das vezes não nos apercebemos de como estamos afinados.

E exatamente *as* afinações para as quais não atentamos de maneira nenhuma e que observamos ainda menos, as afinações que nos afinam de um tal modo que tudo se dá para nós como se nenhuma afinação estivesse aí, como se nós não estivéssemos absolutamente afinados: exatamente estas afinações são as mais poderosas (GA 29/30, p.81).

Entretanto, a afinação mesma não pode ser apreendida. Tornar consciente uma afinação significa a destruição desta ou a produção de uma alteração. Quando tornamos consciente uma afinação, ela já deixa de ser. Quando nos percebemos em uma determinada afinação, já não estamos mais nela e sim na afinação de percepção daquela que já não é mais.

Nesse sentido, não alcançamos a afinação por um impulso artificial e arbitrário, mas “podemos e temos o direito a uma tal afinação quando a deixamos ser” (GA 29/30, p.72). Tudo depende de um *deixar-ser* a afinação como deve ser, enquanto afinação.

Para Heidegger, o despertar de uma afinação diz respeito a este deixar-ser. A afinação já está sempre aí, portanto, o despertar de uma afinação não significa primeiramente acordá-la, mas deixá-la estar acordada, protegê-la frente ao adormecimento (GA 29/30, p.94).

Despertar afinações é um modo de apreender o *Dasein* em relação ao respectivo ‘jeito’ no qual ele a cada vez é; um modo de acolher o *Dasein* enquanto *Dasein*; melhor ainda, um modo de deixar o *Dasein* ser como ele é ou como ele pode ser, enquanto *Dasein* (GA 29/30, 82).

Mas como abrir espaço para uma afinação, para o despertar de uma afinação, uma vez que afirmou-se que elas são inapreensíveis? Heidegger vai falar da necessidade de uma “*outra escuta*” para as afinações. Essa “*outras escuta*” permite que nos aproximemos de uma afinação, sem que haja sua destruição pela constatação, mas deixando-a ser como é. E isso, pelo “fato de não estarmos contra ela, mas de nos aproximarmos dela e de deixarmos que ela nos diga o que quer afinal, o que se passa com ela afinal” (GA 29/30, p.99), portanto, não se trata de interpretar esta ou aquela afinação.

Na medida em que a compreensão é um dos principais fundamentos clínicos e, como toda compreensão é, em última instância, sempre um compreender a partir de uma determinada afinação, essa *escuta* adquire assim importância essencial para o trabalho terapêutico.

A escuta terapêutica deve ser uma escuta aberta e atenta para o paciente e para a própria escuta em si. Essa escuta não pode ser esquecida de si mesmo enquanto escuta, o que restringiria sua possibilidade de acolhimento da fala do outro. Para isso, ela deve ser fundada nessa “*outra escuta*”, a fim tornar possível o deixar-ser a afinação do paciente e ao mesmo tempo permanecer próxima ao próprio modo como o terapeuta está afinado.

“A afinação compreendida corretamente, nos dá pela primeira vez a possibilidade de apreender o *Dasein* do homem enquanto tal” (GA 29/30, p.99). Deixar-ser uma afinação é um modo de apreender o *Dasein* em relação ao “jeito” no qual ele a cada vez é.

A escuta clínica é a escuta que não perde de vista que a compreensão parte sempre de uma afinação. O trabalho terapêutico consiste em manter aberta essa “*outra escuta*” para deixar-ser e, *atento* ao seu próprio modo de estar afinado, não ser refém de uma compreensão tingida por questões que não pertencem ao paciente.

Podemos entender a terapia da seguinte maneira: no encontro entre terapeuta e paciente, estabelece-se um tipo próprio de abertura fundado nessa “*outra escuta*”. Esse encontro é um estar-junto-ao-outro, sempre a partir de uma compreensão afinada e deixando ser a afinação própria do paciente. O paciente tem *como possibilidade* estar mais próximo do modo como se afina a cada vez, isto é, do seu modo de ver, compreender e estar-no-mundo. E assim, um pouco menos esquecido de si, um pouco menos *de costas* para si.

A presença do terapeuta, enquanto testemunho ôntico da existência do paciente, abre a *possibilidade* para que este esteja mais próximo de si, mais apropriado do seu modo de estar-no-mundo.

### **Abreviações**

- ST – *Ser e tempo*

- GA 29/30 – *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*

### **Bibliografia**

Heidegger, M. (1999) “Ser e tempo” Parte I, 8ª edição, Trad. Márcia de Sá Cavalcante, Ed. Vozes: Petrópolis

\_\_\_\_\_ (2001) “Sein und Zeit”, 18a edição, Max Niemeyer Verlag: Tübingen

\_\_\_\_\_ (2003) “Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão”, Trad. Marco Antônio Casanova, Forense Universitária: Rio de Janeiro.